

PENSAMENTO SAUSSURIANO: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA

Ivete Teixeira dos Santos¹

Resumo: Trata-se de um estudo em desenvolvimento de natureza qualitativa de cunho bibliográfico, sobre o *Curso de Linguística Geral*, ancorado em estudos recentes, tendo como premissa uma seleção de conceitos e princípios saussurianos fundamentais à compreensão do estudo e ensino de língua. A reflexão tem como alvo a formação inicial de professores de Língua Portuguesa para Educação Básica, objetivando desencadear uma discussão sobre a formação linguística desse professor. Para tanto, ao que cabe para o momento, natureza do signo, movimento do signo, mutabilidade, imutabilidade, homogeneidade da língua em oposição à heterogeneidade da fala, estão entre os temas que, considerando a sua relevância, serão debatidos. Assim, as leituras serão iniciadas por meio de um levantamento bibliográfico de linguistas brasileiros que defendem a relevância de se compreender Saussure e a importância de suas ideias para o estudo de línguas. Para acompanhar as reflexões dos linguistas brasileiros, o estudo será pautado também em Arrivé (2010) Normand (2009) Saussure (2010, 2021), buscará também tecer considerações sobre a formação dos estudantes do Curso de Letras do Campus XXII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Palavras-Chave: Linguística saussuriana. Ensino de língua. Formação de professores.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: itsantos@uneb.br.

INTRODUÇÃO

No percurso e desenvolvimento do componente curricular Seminários Avançados I, do Curso de Doutorado em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sentimos a necessidade de um aprofundamento maior nos estudos sobre a Linguística saussuriana, sem perder de vista o meu objeto de estudos, formação de professores. Transcorridos cem anos da publicação do *Curso de Linguística Geral*, ainda temos uma questão que é particularmente difícil, qual o objeto, ao mesmo tempo, integral e concreto da linguística? A Linguística como disciplina é ministrada nos cursos de Letras há algumas décadas, no entanto, a pergunta para que serve a linguística? Parece não ter ainda uma resposta clara.

A partir de situações como estas, há outra questão que necessita de reflexão: existe possibilidade de se “aplicar” algo que não se conhece com profundidade? Essa falta de clareza em relação a objetos de estudos na formação do professor de língua, talvez possa impactar, de alguma forma, os resultados não satisfatórios de avaliações que testam habilidades e competências em leitura e em escrita de estudantes da Educação Básica. Objetivando uma reflexão sobre a formação linguística do professor de língua, este artigo traz elementos do pensamento saussuriano essenciais à compreensão para o estudo e ensino de língua. Nas palavras de Arrivé (1997, p. 20), “Saussure não fundou a linguística, que já possuía um grande longo passado científico quando nasceu, mas sua obra está na origem de uma mutação considerável na evolução da disciplina”.

Ao observar a estrutura curricular dos cursos de letras, encontramos alguns componentes que enfocam a linguística, dentre eles, um denominado Linguística Aplicada. No entanto, ao fazer uma análise sobre os conteúdos dessa mesma disciplina em cursos de instituições diferentes, percebe-se a diferença nos

enfoques. Assim, para atender ao objetivo, a questão que se segue deverá ser contemplada: o que privilegiar na diversidade de estudos linguísticos apresentados na proposta curricular dos cursos de Letras? E juntamente com esta questão, a certeza de que na formação do estudante de Letras para um primeiro momento, a leitura do CLG é imprescindível para a construção de conhecimento sobre as ideias saussurianas. Contudo, um estudante de língua, não deve parar por aí. Os escritos de Saussure também são importantes para quem busca conhecer mais a fundo as ideias do mestre genebrino.

PERCURSO METODOLÓGICO

Nosso estudo busca tratar do *corpus*, o pensamento saussuriano, no contexto da formação do professor em Letras. Desse modo, o estudo converge para o que apontam Denzin e Lincoln (2011, p. 3 *apud* CRESWELL, 2014, p. 49): “[...] os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem”. Minha pretensão foi (re)visitar o pensamento de Saussure e os linguistas, conectando múltiplas possibilidades, produzindo entradas nos temas que aborda, sem plano de fechamento nem esgotamento temático. A intenção foi, portanto, buscar “a interpretação em lugar de mensuração, e a descoberta em lugar de constatação” (GATTI; ANDRÉ, 2013, p. 30).

Procurei nas discussões de linguistas, interpretação dos manuscritos em relação ao conhecimento propiciado pelo CLG, obra que norteou a introdução à Linguística nos cursos de Letras do Brasil. Nas palavras de Saussure (2004),

Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente,

são as línguas, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer base científica válida (SAUSSURE, 2004, p. 128-129).

Não restam dúvidas de que os estudos de Saussure e suas repercussões são imprescindíveis para a formação do estudante de Letras, e que os desdobramentos que se fizeram a partir de suas ideias causaram uma revolução importante na pesquisa linguística.

CLG: “UMA LEITURA NECESSÁRIA”

Os estudos apontam que a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, organizado três anos após a morte de Saussure, por dois dos seus colegas, professores da Universidade de Genebra, Charles Bally (1865-1974) e Albert Sechehaye (1870-1946), é tradicionalmente considerada um marco para a linguística do século XX. Por instituir, conforme ressalta Normand (2011, p. 22), uma “ruptura epistemológica” ao manifestar um novo olhar para o fenômeno linguístico, a leitura do CLG é considerada importante para os estudantes do curso de Letras e pesquisadores das áreas em que, de algum modo, a linguagem seja alvo de reflexão.

Contudo, como é em demasia sabido, a obra que deu a Saussure o título de “pai da linguística moderna” não foi escrita por ele, e sim por dois de seus colegas, professores da Universidade de Genebra, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946). Um fato que intriga a muitos estudiosos até os dias de hoje, é que nenhum dos dois tinha assistido aos cursos de linguística geral ministrados por Saussure nos anos acadêmicos de 1907, 1908-1909 e 1910-1911. No entanto, decidiram redigir o livro e, para tanto, tomaram como fonte os cadernos de anotações dos alunos que tinham frequentado os referidos cursos.

As ideias de Saussure, presentes no CLG, e os seus desdobramentos com certeza foram a causa de uma revolução no campo dos estudos linguísticos. Ganhando status científico, o estudo da linguagem verbal humana passa a ser realizado sobre diferentes pontos de vista. Apesar disso, por ser um texto de terceira mão, alguns autores questionam a garantia de que o texto corresponda, de fato, às lições do mestre genebrino. Assim, ao lançar mão do CLG implica não desconsiderar, pelo menos, duas discussões recorrentes. A primeira sobre a particularidade de sua publicação e segunda sobre sua autenticidade.

Nessa perspectiva, o CLG passou a ser acompanhado, nos últimos sessenta e cinco anos, por um conjunto de manuscritos de Saussure e de outros materiais relacionados ao texto. “Os estudiosos estão hoje postos desse imenso acervo que os desafia, seja na re(leitura) do CLG, seja na compreensão do pensamento de Saussure” (FARACO, 2021, p. 20). Normand (2011), aponta no texto *Saussure: uma epistemologia da linguística*: “é preciso, antes de tudo, fazer “uma escolha de leitura” (NORMAND, 2011, p. 11). O reconhecimento do lugar do CLG como um objeto histórico atende, segundo Silveira, a uma necessidade do final do século XX:

Trata-se de um novo momento em que o estudo do CLG demanda uma posição do leitor e não só dos linguistas, porque nenhuma área que queira se valer das elaborações de Saussure poderá ir adiante sem se posicionar a partir do momento em que houve a exposição dessa fratura no CLG que, definitivamente, coloca uma hiância entre a edição e Saussure (SILVEIRA, 2007, p. 37).

Os estudiosos Saussurianos não negam a importância dos desdobramentos que se fizeram a partir de suas ideias para revolução da pesquisa linguística. Arrivé (2010, p. 20) defende, “Saussure não fundou a linguística, que já possuía um longo passado científico quando nasceu. Mas sua obra está na origem de uma mutação considerável na evolução da disciplina”. Normand

(2009, p. 45), aponta que “a inversão operada por Saussure é a de definir o campo da linguística, colocando-se desde o começo na prática da língua, naquilo que consiste a experiência cotidiana de qualquer locutor”.

Nessa perspectiva, todos que desejam desenvolver um trabalho escolar com a linguagem humana deverão colocar-se na prática da língua, procurando compreender a experiência do dia-a-dia de qualquer locutor. Para que isso seja possível é preciso compreender, de início a natureza da língua, distinguindo-a da linguagem. Observa-se essa distinção feita por Saussure, quando se pergunta *Mas o que é língua?* (CLG, p. 17).

Nas discussões que se seguem, afirma ser a língua uma parte determinada e essencial da linguagem, que é própria do homem e que lhe permite uma convivência social. No dizer de Normand (2009, p. 46), “O conjunto de formas potencialmente realizáveis e o que Saussure chama de língua, sistema que existe virtualmente em cada cérebro”. Saussure define a linguagem como multiforme e heteróclita, pertencendo ao mesmo tempo aos comandos físicos, fisiológicos e psíquicos. Ver a língua como produto e manifestação social da linguagem, um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo social, um instrumento criado e fornecido pela coletividade, exterior ao indivíduo (CLG, p. 17). É importante destacar que a partir deste momento o termo *língua* traduz *langue*, já no sentido “*saussuriano*” de “*lado social da linguagem*” em oposição à *fala* (*parole*) individual.

O que vemos em Saussure é que o estudo da linguagem verbal comporta duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social e independente do indivíduo, pois pertence à coletividade: *É um tesouro depositado pela prática da fala nos sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade, um sistema gramatical virtualmente existente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos; pois a*

língua não está completa em nenhum, ela só existe perfeitamente na massa (CLG, p. 21); a outra, definida como acessório, tem como objeto de estudo o exercício da fala (*parole*). A fala é efeito de combinações (lexicais e gramaticais) individuais operadas pelo falante e de atos de fonação espontâneos para efetivação dessas combinações. Para Bagno (2021),

Essa separação que se pretende nítida entre o individual e o social, entre o psicológico e o sociológico, é uma visão dualista do fenômeno da linguagem que será contestada já nas primeiras décadas do século XX por autores como os russos Lev Vygotsky, [...] e Valentin Volóchinov [...], dando início a uma corrente que nega essa dicotomia [NT] (BAGNO, 2021, p. 57).

O cuidado com a devida diferenciação entre esses dois objetos de estudo aparece no CLG, onde é sugerida a designação Linguística da fala em oposição à Linguística propriamente dita, que teria como único objeto a língua. “Por todas essas razões, seria ilusório reunir sobre um mesmo ponto de vista a língua e a fala” (p. 28).

Diante disso, é importante observar, das lições de Saussure, algumas ressalvas sobre a unidade linguística e o signo. A língua é constituída por um sistema do qual o homem lança mão para interagir com outros indivíduos e é composta de signos linguísticos. Um signo compõe-se pela associação de um significante a um significado. Fora dessa relação não há signo. Para Saussure (2004, p. 80), o signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. A partir da afirmativa, observamos que o signo é uma entidade psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica. O conceito refere-se a imagem mental, ao referente que temos para designar o signo. A imagem acústica refere-se à sequência fônica que utilizamos para designar o signo. Os dois, conceito e imagem acústica, são também

denominados de significado e significante, e estes não existem isoladamente, são inseparáveis.

Para Saussure, o signo linguístico, além de ser representado por um significado e significante, é também caracterizado como arbitrário, como sugere o autor (2004, p. 83):

A palavra arbitrário requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

Diante do exposto, é possível falar em níveis de arbitrariedade ou em signo relativamente motivado. Como exemplos, podemos citar derivados como pedraria cujo sufixo faz lembrar outros, livraria, marcenaria, etc. ou composições como dezenove, cujos elementos evocam dez e nove. É importante destacar que motivado ou imotivado são categorias que podem sofrer modificações no desenrolar da história. Veja-se, por exemplo, a origem da expressão *é mais fácil um camelo entrar no fundo de uma agulha*, em que *fundo de uma agulha* eram portas estreitas em grandes portões nas muralhas na Tribo de Judá. Portanto, em relação a uma porta estreita, na sua origem, a expressão apresenta um grau de motivação considerável. No entanto, como a maioria dos falantes desconhece essa origem, trata-se de uma expressão imotivada, ou seja, arbitrária. Para Saussure, é a arbitrariedade, causa motivadora da origem dos signos e, conseqüentemente, do sistema linguístico:

[...] um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas — esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado. A ideia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso

sentimento bastante vivo do arbitrário do signo (SAUSSURE, 2004, p. 86).

Vale destacar, que tanto nas lições de Saussure, transformadas posteriormente no CLG, como nos Escritos de Linguística Geral, publicados recentemente, percebe-se que o dado empírico particular não é algo que interessa a Saussure, e sim, o ato de fala em si; ele busca a universalidade da fala.

Sobre língua e fala é importante ainda ressaltar que ambas são interdependentes, visto que é a fala que causa a evolução da língua; a fala é ao mesmo tempo o instrumento e o produto da língua e para colocar-se na prática língua, é preciso compreender, inicialmente, sua natureza, distinguindo-a da linguagem. (TALBALDI, 2013). *Em Escritos de Linguística Geral*, vemos:

Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo. Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, de espírito descansado, formas novas [...]. Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva (2002, p. 86-87).

Nesse trecho, encontramos outro princípio fundamental: o da imutabilidade e mutabilidade do signo (e, conseguinte da língua). Há uma contradição aparente em relação aos dois princípios. Segundo Saussure, o significante pode ser de livre escolha com relação à ideia que representa, porém com relação à comunidade linguística que o emprega não é livre: é imposto. Uma língua surge sempre como herança da época que a antecede. No entanto, o tempo que assegura a continuidade tem outro efeito sobre a língua, o de modificar, de maneira razoavelmente rápida, os signos sem que os falantes tenham consciência dessas modificações em um determinado estado de língua.

Diante da mutabilidade das línguas, Saussure foi motivado a propor duas maneiras de estudá-las, duas Linguísticas: uma sincrônica e uma diacrônica. A primeira estuda a maneira em que se encontra a língua em determinado período, fazendo um recorte no tempo. Já a segunda estuda o processo de evolução sofrido pela língua.

A complexidade dos estudos da linguagem não foi, por certo, ignorada por Saussure, embora, segundo Bouquet (1997, p. 64, *apud* TABALDI, 2013, p. 18), as reflexões saussurianas da linguagem, como uma realidade misteriosa, quase não transpareçam no CLG. Apesar de o pensamento do mestre genebrino ter ficado inconcluso ou poder ser acessado apenas por aproximações, nele se encontram os fundamentos da ciência linguística que devem integrar qualquer estudo de base científica, em especial, nos cursos de Licenciatura em Letras, cujo objeto principal de estudo e ensino é a língua.

CONCLUSÕES

No percurso deste estudo, observamos que as pesquisas acerca da linguagem estão em constante movimento, por isso é de extrema importância estudar autores de diferentes épocas e concepções, a fim de atingirmos uma compreensão mais ampla e aprimorada acerca do signo linguístico, o qual constitui o objeto de estudo, língua. Diante da complexidade dessa discussão e de uma pesquisa muito incipiente e rasa, nossa intenção não é mensurar o quanto os conceitos saussurianos condizem ou não com aquilo que se apresenta no *Curso* e nas demais fontes saussurianas e, menos ainda, com aquilo que Saussure queria dizer. Nossa proposição é compreender, minimamente, os conceitos revelados no CLG.

Relembrando o questionamento de Saussure sobre a utilidade da Linguística, e aplicando-o nos cursos de Letras, talvez

se possa afirmar que a Linguística deve fornecer conhecimento básico necessário à compreensão do objeto de estudo e de ensino à linguagem verbal. Para Tabaldi (2013, p. 16) “a dificuldade está em como definir esse conhecimento”. Sem a pretensão de apresentar uma solução para a problemática, temos convicção de que a compreensão dos conceitos e princípios saussurianos estabelece um ponto inicial para o estudo de língua e das teorias linguísticas pós-saussurianas. Assim, esperamos que esse simples estudo possa contribuir com reflexões mais apuradas sobre os conceitos e princípios de Saussure e sua aplicação no estudo e ensino de língua.

REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Trad. Carlos A. L. Salum; Ana L. Franco. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAGNO, Marcos. Objeto da linguística. In: SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Tradução, notas e posfácio Marcos Bagno; apresentação Carlos Alberto Faraco. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.
- FARACO, C. Alberto. *Apresentação para o Curso de Linguística Geral*. Tard. Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo, 1999.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Escritos de Linguística Geral*. Trad. Carlos A. L. Salum.; Ana L. Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SILVEIRA, E. As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística. Campinas, Sp: Mercado de Letras, 2007.
- TABALDI, Gomes Neiva M. Herança saussuriana: contribuições para a formação do professor de língua. *Nonada: Letras em Revista* 2013, 1(20).

